**34º DOMINGO DO TEMPO COMUM (ANO C)**

Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo

*2 Sam* 5, 1-3; *Sal* 121; *Col* 1, 12-20*; Lc* 23, 35-43

*Vamos com alegria para a casa do Senhor*

**COMENTÁRIO**

*A missão do Rei crucificado*

No final do ano litúrgico, celebramos com alegria a Solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo, Rei do Universo. Foi introduzida na liturgia da Igreja pelo Papa Pio XI no Ano Santo de 1925 (com a encíclica *Quas Primas,* de 11 de Dezembro do mesmo ano), e posteriormente confirmada pelo Papa Paulo VI no novo Missal Romano (aprovado pela constituição apostólica *Missale romanum,* a 3 de Abril de 1969) e colocada precisamente no último domingo do ano litúrgico. Como o Papa Pio XI assinalou na referida encíclica, «a fim de que a sociedade cristã goze largamente de tão preciosas vantagens e para sempre as conserve, é mister que se divulgue quanto possível o conhecimento da dignidade real de Nosso Salvador.» E o Prefácio da Missa de hoje procura acentuar o carácter sobretudo divino-espiritual do reino de Cristo para a humanidade: «reino eterno e universal: reino de verdade e de vida, reino de santidade e de graça, reino de justiça, de amor e de paz». Esta solenidade ganhou ainda mais importância a partir de 2021, quando o Papa Francisco quis mudar a celebração do Dia Mundial da Juventude do Domingo de Ramos para este Dia de Cristo Rei em todas as dioceses do mundo.

Num ambiente tão festivo, o evangelho convida-nos a meditar novamente sobre algumas características particularmente importantes de Cristo Rei e da Sua missão. Estes aspectos são essenciais para nós, Seus discípulos, chamados a continuar a mesma missão de levar o reino de Deus a todos.

*1. O Rei crucificado que não se quis salvar*

Com esta breve, mas densa passagem do evangelho de hoje, a liturgia deseja recordar o último momento de Jesus na cruz. Leva-nos assim de volta a “Sexta-feira Santa”, ao termo da Sua vida terrena e, ao mesmo tempo, ao ápice da Sua missão.

O escárnio blasfemo dos líderes judeus, dos soldados romanos, e até mesmo de um dos malfeitores, realça novamente a humilhação e a natureza trágica do momento. Tem-se a impressão de ouvir de todos os lados o refrão com o terrível e estonteante ritmo: “Salva-Te! Salva-Te! Salva-Te a Ti mesmo!”

Contudo, da não-reacção de Jesus diante da provocação, emerge toda a paciência, mansidão e determinação “real” de alguém que só tem uma coisa em mente, como Ele declarou logo aos doze anos de idade, a idade de um adulto do Povo de Deus, segundo a tradição judaica: «Não sabíeis que Eu devia estar na casa de Meu Pai?» (*Lc* 2, 49). Foi também Ele que quis, ardentemente e resolutamente, fazer a viagem a Jerusalém, para cumprir «tudo o que foi escrito pelos profetas a respeito do Filho do Homem» (*Lc* 18, 31). Portanto, podia-se “ouvir” do silêncio de Cristo na cruz, em resposta ao refrão blasfemo dos escarnecedores, o cântico de louvor incessante, sinal de fé e lealdade total a Deus: «Santo, Santo, Santo! Senhor Deus do Universo.»

A missão de Jesus é sempre a de cumprir o plano do Pai para a salvação de todos, incluindo aqueles que não o compreendem, zombam d’Ele, e o crucificam, mesmo à custa da consumação da Sua própria vida. Nisto reside a grandeza do rei divino, o Cristo de Deus, o escolhido. Este será também o caminho de cada um dos Seus discípulos-missionários, chamados a ter, como Cristo Rei, a mesma paciência, a Sua mansidão e a determinação “real”.

*2. O Rei misericordioso que dá o paraíso*

A partir da cena da crucificação, São Lucas dá-nos um plano exclusivo (único entre os evangelhos) da conversa entre Jesus e o “bom ladrão”. O que emerge aqui, uma vez mais, como em muitos outros episódios do Evangelho de Lucas que ouvimos nos domingos deste ano litúrgico, é um Jesus cheio de misericórdia. Ele é o rosto do Deus misericordioso para com os últimos, os excluídos, os arrependidos, os necessitados. A missão de Cristo Rei é uma missão de misericórdia. Não é por acaso que mesmo antes do episódio do bom ladrão, Jesus tinha rezado pelo perdão de todos os Seus algozes: «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem» (*Lc* 23, 34), e isto também se aplica àqueles que pensavam ou se gabavam de saber o que estavam a fazer!

O Seu reino é desde sempre e para sempre aquele “de vida [...] de amor e de paz”, para citar novamente o Prefácio da Missa de hoje, e será sempre maior do que toda a pequenez humana. E o pedido comovente do ladrão arrependido, depois de ter reconhecido com sinceridade a consequência do seu pecado, e de ter defendido publicamente a inocência de Jesus, torna-se o modelo de oração para todos os discípulos, aliás, para todas as pessoas necessitadas de salvação no momento da prova e da morte: «Jesus, lembra-Te de mim, quando vieres com a Tua realeza.» Refere-se, com efeito, à invocação da misericórdia divina pelos membros do povo de Deus: «Lembra-Te, Senhor, da Tua compaixão e da Tua misericórdia, que tens mostrado desde a antiguidade» (*Sal* 25[24], 6).

*3. O eterno «hoje» da salvação oferecido por Cristo Rei*

Perante a comovente súplica do ladrão em que se pode ouvir a voz de cada homem e mulher em busca de salvação, a resposta de Jesus não demora, e também é muito bela e ao mesmo tempo densa de significados teológico-espirituais: «Em verdade te digo: hoje estarás comigo no Paraíso.» Como se vê, pela formulação inicial («Em verdade te digo»), é uma declaração deliberadamente solene, como se Ele quisesse anunciar a todos o que dizia apenas a um. Jesus promete, ou melhor, assegura ao ladrão a salvação, ou seja, que estará com Ele no Paraíso, e isto realiza-se “hoje”, nesse mesmo dia de “Sexta-Feira Santa”! (Ele não disse: “Espera três dias, caro ladrão, pendurado na cruz, e quando Eu ressuscitar ao terceiro dia, então estarás comigo!)

Este «hoje», portanto, não se refere ao tempo material, mas ao eterno hoje da salvação oferecida por Cristo Rei crucificado. Já o era para Zaqueu, quando acolheu em sua casa Jesus, que declarou: «Hoje a salvação entrou nesta casa, [...]. O Filho do Homem veio procurar e salvar o que estava perdido» (*Lc* 19, 9-10). Além disso, este «hoje» já tinha sido proclamado por Deus através dos Seus anjos no momento do nascimento de Jesus: «Hoje, na cidade de David, nasceu-vos o Salvador, que é Cristo, o Senhor» (*Lc* 2, 11). Encontra-se novamente nos lábios do próprio Jesus na sinagoga de Nazaré ao início das Suas actividades públicas: «Hoje cumpriu-se esta passagem da Escritura, que acabais de ouvir» (*Lc* 4, 21). É o hoje da missão de Jesus que leva o evangelho divino a todos os necessitados, para reunir todos os filhos de Deus dispersos no reino da paz e da salvação.

Este «hoje» de Deus e Jesus continua ainda agora, e todos os discípulos de Cristo são chamados a proclamar a todos esse “dia” do Senhor, que, em última análise, não será um dia nefasto de condenação e fogo, mas um dia de perdão e salvação. Independentemente de quão feio, mau e pecaminoso possa ser o passado que cada um carrega nos seus ombros, basta recorrer a Jesus, o Rei crucificado, invocando com sinceridade o Seu nome, como o bom ladrão. Ele espera por cada homem e mulher sempre com paciência, compreensão e misericórdia. Ao dar ao “bom ladrão” o paraíso, Cristo Rei na cruz continua misticamente à espera do regresso do outro ladrão, o “mau”, a fim de dar-lhe também a ele o “hoje” da Sua salvação no Seu reino.

É, portanto, necessário levar a todos este grande mistério, em momentos oportunos e inoportunos, o mistério do amor de Deus em Cristo para cada pessoa no mundo. Deste modo, expande-se por atracção o doce reinado de Cristo Rei Crucificado, o qual também prometeu, profetizando: «e, quando Eu for levantado da terra, atrairei todos a Mim» (*Jo* 12, 32). Que estejam sempre nos nossos corações e nos nossos lábios as palavras sagradas para partilhar com todos a verdade eterna do «hoje» da nossa salvação em Cristo, Filho de Deus e nosso Senhor: «Pois Deus amou de tal forma o mundo, que entregou o Seu Filho único, para que todo o que n’Ele acredita não morra, mas tenha a vida eterna. De facto, Deus enviou o Seu Filho ao mundo, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por meio d’Ele» (*Jo* 3, 16-17).

Padre Dinh Anh Nhue Nguyen, OFMConv

Secretário-Geral da União Missionária Pontifícia (UMP)

*Citações úteis:*

**Catecismo da Igreja Católica**

**786** Finalmente, o povo de Deus participa na função *real* de Cristo. Cristo exerce a Sua realeza atraindo a Si todos os homens pela Sua morte e ressurreição. Cristo, Rei e Senhor do universo, fez-Se o servo de todos, pois «não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida como resgate pela multidão» *(Mt* 20, 28). Para o cristão, «reinar é servi-l’O», em especial «nos pobres e nos que sofrem, nos quais a Igreja reconhece a imagem do Seu Fundador pobre e sofredor. O povo de Deus realiza a sua «dignidade real» na medida em que viver de acordo com esta vocação de servir com Cristo.

«De todos os regenerados em Cristo, o sinal da cruz faz reis, a unção do Espírito Santo consagra sacerdotes, para que, independentemente do serviço particular do nosso ministério, todos os cristãos espirituais no uso da razão se reconheçam membros desta estirpe real e participantes da função sacerdotal. De facto, que há de tão real para uma alma como governar o seu corpo na submissão a Deus? E que há de tão sacerdotal como oferecer ao Senhor uma consciência pura, imolando no altar do seu coração as vítimas sem mancha da piedade?»

**Bento XVI**, ***Angelus***, Praça de São Pedro, Domingo, **22 de Novembro de 2009**

Mas em que consiste o “poder” de Jesus Cristo Rei? Não é o dos reis e dos grandes deste mundo; é o poder divino de dar a vida eterna, de libertar do mal, de derrotar o domínio da morte. É o poder do Amor, que do mal sabe obter o bem, enternecer um coração endurecido, levar paz ao conflito mais áspero, acender a esperança na escuridão mais cerrada. Este Reino da Graça nunca se impõe, e respeita sempre a nossa liberdade. Cristo veio para “dar testemunho da verdade” *(Jo* 18, 37) – como declarou diante de Pilatos –: quem acolhe o Seu testemunho, coloca-se sob a Sua “bandeira”, segundo a imagem querida a Santo Inácio de Loyola. Portanto, torna-se necessária – sem dúvida – para cada consciência uma opção: quem quero seguir? Deus ou o maligno? A verdade ou a mentira? Escolher Cristo não garante o sucesso segundo os critérios do mundo, mas assegura aquela paz e alegria que só Ele pode dar. Demonstra isto, em todas as épocas, a experiência de tantos homens e mulheres que, em nome de Cristo, em nome da verdade e da justiça, souberam opor-se às lisonjas dos poderes terrenos com as suas diversas máscaras, até selar com o martírio esta sua fidelidade.

**Papa Francisco, *Audiência Geral*,** Praça de São Pedro, Quarta-feira,**28 de Setembro de 2016**

As palavras que Jesus pronuncia durante a Sua Paixão encontram o seu ápice no perdão. Jesus *perdoa:* «Perdoa-lhes, ó Pai, porque não sabem o que fazem» (*Lc* 23, 34). Não são apenas palavras, porque se tornam um gesto concreto no perdão oferecido ao «bom ladrão», que estava ao seu lado. São Lucas fala de *dois malfeitores* crucificados com Jesus, que se dirigem a Ele com atitudes opostas.

*O primeiro* insulta-o. […] *O outro é o chamado «bom ladrão*». As suas palavras são um maravilhoso modelo de arrependimento, uma catequese concentrada para aprender a pedir perdão a Jesus. Primeiro, ele dirige-se ao seu companheiro: «Nem sequer temes a Deus, tu que sofres o mesmo suplício?» (*Lc* 23, 40). Deste modo, põe em evidência o ponto de partida do arrependimento: o temor de Deus.[...]

Depois, o bom ladrão declara a inocência de Jesus e confessa abertamente a sua culpa: «Para nós isto é justo: recebemos o que mereceram os nossos crimes, mas Ele não cometeu mal algum» (*Lc* 23, 41). Portanto, Jesus está ali na cruz para permanecer com os culpados: através desta proximidade, Ele oferece-lhes a salvação. Aquilo que é escândalo para os chefes, para o primeiro ladrão e para quantos se encontravam ali e zombavam de Jesus, na realidade é o fundamento da sua fé. E assim o bom ladrão torna-se testemunha da Graça; aconteceu o impensável: Deus amou-me a tal ponto que morreu na cruz por mim. A própria fé deste homem é fruto da graça de Cristo: os seus olhos contemplam no Crucificado o amor de Deus por ele, pobre pecador. É verdade, era ladrão, tinha roubado durante a vida inteira. Mas no fim, arrependido daquilo que fizera, olhando para Jesus, tão bom e misericordioso, conseguiu *roubar* o céu: ele é um bom ladrão!

Por fim, o bom ladrão dirige-se directamente a Jesus, invocando a Sua ajuda: «Jesus, lembra-te de mim, quando entrares no Teu Reino» (*Lc* 23, 42). Chama-o pelo nome, «Jesus», com confiança, e assim confessa o que aquele nome indica: «O Senhor salva»: é isto que significa «Jesus». Aquele homem pede a Jesus que se recorde dele. Quanta ternura naquela expressão, quanto humanidade! É a necessidade que o ser humano tem de não ser abandonado, que Deus esteja sempre perto dele. […]

Enquanto o bom ladrão fala no futuro: «Quando entrares no Teu Reino», a resposta de Jesus não se faz esperar; mas Ele fala no presente: «*Hoje* estarás comigo no Paraíso» (v. 43). Na hora da cruz, a salvação de Cristo alcança o seu apogeu; e a sua promessa ao bom ladrão revela o cumprimento da sua missão, ou seja, salvar os pecadores. [...]

Na cruz, o derradeiro acto confirma a realização deste desígnio salvífico. Do início ao fim, Ele revelou-se como misericórdia, revelou-se como encarnação definitiva e irrepetível do amor do Pai. Jesus é verdadeiramente o semblante da misericórdia do Pai. E o bom ladrão chamou-o pelo nome: «Jesus». Trata-se de uma invocação breve, e todos nós podemos fazê-la muitas vezes durante o dia: «Jesus». Simplesmente «Jesus». E assim, fazei-a durante o dia inteiro.